

João Bosco: um olhar para a educação dos jovens em Turim, no século XIX.

Elisete Soave Vianna

UNISAL

es_vianna@yahoo.com.br

Francisco Evangelista

UNISAL

Francisco.evangelista@am.unisal.br

Lidia Maria Soares Bizo

UNISAL

lidiabizolb@gmail.com

Maria Tereza Daroz Mondelli

UNISAL

mtdaroz@yahoo.com

Eixo Temático: Educação Social

Tema: Educação na Perspectiva Salesiana

Resumo

O objetivo do artigo é analisar a Pedagogia Salesiana dentro da ótica da Pedagogia Social. Para atingir esse objetivo, pretende-se traçar um breve percurso histórico da Educação Moderna e da Educação Social, estreitar o olhar para a Educação Italiana nos oitocentos, período em que João Bosco atuou, discorrer sobre sua proposta educativa, procurando analisar sua atuação no contexto da educação italiana do século XIX, dentro do chamado *Risorgimento*, em põe em prática o método preventivo e inicia a educação salesiana por meio de uma práxis pedagógico-social com os jovens na periferia da cidade de Turim. Sem se preocupar com a sistematização ou com o estabelecimento de métodos, conseguiu pôr em prática suas ideias sobre educação, uma vez que se preocupou com a formação integral do jovem cidadão em meio à crise política, econômica e social em que estavam inseridas suas atividades.

Palavras-chave: Pedagogia Social, Educação Moderna, Educação Salesiana.

1. Educação Moderna

A educação nos setecentos apresenta um quadro de mudanças apontando já para novas práticas nesse campo. Escolas Cristãs, como a de São João Batista de La Salle começam a ir além do assistencialismo e passam a oferecer o que mais tarde se chamariam de escolas técnico-profissionais, além de escolas destinadas a leigos. Segundo Manacorda (1989),

Educar humanamente todos os homens torna-se o grande objetivo da educação moderna: de várias maneiras, com diferentes iniciativas e não sem graves recaídas no paternalismo e no assistencialismo, os iluministas, os novos utopistas, os reformadores e revolucionários deste século tentam concretizar este ideal (MANACORDA, 1989, p. 236).

No entanto, um debate “pedagógico” se instaurava, pois uma escola democrática para todos implicaria em difundir a instrução de tal forma que poderia afastar os trabalhadores dos ofícios das profissões mais humildes e necessárias. Nesse sentido, a ação dos cristãos não era vista com bons olhos. Segundo Manacorda (1989), na Itália, Filangieri, no livro IV da *Scienza della legislazione* (1780), defendia a educação universal, mas não uniforme. Sua proposta era dividir o povo em duas classes, a que serviria a sociedade com os braços e os que serviriam a sociedade com seus talentos. Instrução universal, mas não uniforme, ou seja, instrução de acordo com o que interessava à classe dominante.

Diante de um novo modo de produção, aquele aprendizado que fora a forma típica de instrução das massas produtivas artesanais, chega ao fim.

Esse processo de transformação do trabalho humano desloca massas inteiras da população não somente das oficinas artesanais para as fábricas, mas também dos campos para a cidade, provocando conflitos sociais, transformações culturais e revoluções morais inauditas. (MANACORDA, 1989, p. 270)

Neste novo modelo de produção, os trabalhadores perdem a sua antiga instrução, além disso, com a evolução da ciência e tecnologia, os instrumentos e os processos produtivos são rapidamente substituídos por outros mais modernos. Surge daí, a necessidade de instruir as massas operárias para que não se fossilizem nas operações repetitivas das máquinas obsoletas. É imperativo que as massas operárias sejam instruídas para atender às novas necessidades da moderna produção de fábrica. Daí surgem as escolas científicas, técnicas e profissionais. No cenário da educação, a

mudança de relações de produção leva à finalização dos processos de aprendizagem até então existentes, ou seja, a aprendizagem artesanal, que era a única forma de instrução do povo. Quando nasce a fábrica, nasce a escola, a moderna instituição escolar pública, isto é, a educação supre as necessidades da fábrica. Além disso, aprendizagens corporativas, como ordens religiosas, são suprimidas. No entanto, surgem críticas a essa forma de organização da sociedade, segundo Manacorda (1989),

Nasce, simultaneamente, a nova ciência da economia política, como análise científica e como “ideologia” [...] são frequentes as considerações sobre os prejuízos que a revolução industrial provoca não somente aos adultos, mas também às crianças, explorando seu trabalho e privando-os de qualquer instrução (MANACORDA, 1989, p. 249).

Com o advento da Revolução Francesa (1789-1799), o poder saindo das mãos dos monarcas e com o processo de democratização e laicidade da instrução se instaurando, surgem novos horizontes na educação. Porém Rousseau (1712-1778) e Kant (1724-1804) deixaram suas marcas e visões para debates na educação. Rousseau em sua obra prima *Emílio*, a parte das críticas a esse texto, defende, entre outras ideias, a criança e que o educador conheça seus alunos para poder, a partir daí, elaborar métodos pessoais. Rousseau (1995) trabalha contra os princípios dos enciclopedistas, que têm o objetivo de sistematizar e enriquecer o saber com rigor científico, assim como rejeita o método catequético. Defende a liberdade a ponto de escrever:

“Mal a criança sai do seio da mãe, mal goza a liberdade de se mexer e distender seus membros, já lhe dão novas cadeias. Enrolam-na em faixas, deitam-na com a cabeça imóvel e as pernas alongadas, os braços pendentes ao lado do corpo; envolvem-na em toda espécie de panos e tiras que não lhe permitem mudar de posição. Que se dêem por felizes se não se vêem apertadas a ponto de não poderem respirar, se tiveram a precaução de deitá-la de lado para que o líquido que deve devolver caia por si mesmo, pois não teria a liberdade de virar a cabeça a fim de facilitar o escorrimento.” (ROUSSEAU, 1995, p. 15)

E pensa sobre as consequências dessa prática na idade adulta, comentando que

Os países onde enfaixam as crianças são os que mais exibem corcundas, mancos, cambaios, raquíticos, aleijados de todo tipo. De medo que os corpos se deformem com movimentos livres, apressam-se em deformá-los imprensando-os. [...] Tão cruel constrangimento poderia não influir em seu humor e temperamento? [...] vós os contrariais desde o nascimento; o primeiro presente que recebem de vós são algemas; os primeiros tratamentos que experimentam são tormentos. (ROUSSEAU, 1995, p. 18)

Por outro lado, Kant (1999) afirma que, somente por meio da educação, o homem pode ser homem. De acordo com ele, a educação tem como objetivo transformar a animalidade em humanidade, por meio do desenvolvimento da razão. Kant (1999) defende disciplina e instrução.

A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. [...] A disciplina, porém, é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria; a instrução, pelo contrário, é parte positiva da educação. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. [...] Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos. [...] ... pois de outro modo seria muito difícil mudar depois o homem. (KANT, 1999, p. 12-3)

Dessas visões setecentistas de educação partem algumas das propostas comentadas neste trabalho. Entre os setecentos e oitocentos, uma experiência se torna cada vez mais utilizada, principalmente por conta de seus “benefícios”. Trata-se do Ensino Mútuo ou “monitoral” cuja aplicação barateava muito a educação, pois, de acordo com Manacorda (1989), alguns alunos eram instruídos pelo mestre e atuavam como auxiliares ensinando em várias tarefas e supervisionando outros alunos. Entre os que adotavam esse método estão Bell e Lancaster. Andrew Bell faz um experimento e publica *An experiment in education* (Um experimento em educação), em 1797, e mais tarde, em 1803, Lancaster publica *Improvements in education* (Melhorias na educação) com sugestões para aperfeiçoar o método. A diferença entre essas duas abordagens em relação ao Ensino Mútuo é que Lancaster defendia a laicidade e Bell propunha uma educação religiosa. No entanto, essa ideia se difundiu, principalmente por Lancaster, chegando à Filadélfia e Nova York e Boston, nos Estados Unidos, em Serra Leoa, na África do Sul, na Índia e na Austrália já em 1806. Esse método servia também como uma forma de controle por parte dos conservadores, uma vez que um único mestre controlaria o conteúdo a ser estudado por até mil alunos.

Dentro deste contexto, destaca-se Pestalozzi (1746-1827) natural de Zurique que defendia a ideia de que os primeiros anos de vida são cruciais e que a mãe seria um auxílio importante nessa etapa da educação do ser humano. Sua pedagogia consistia do uso de música, jogos e atividades físicas. Defendia também que a linguagem era o órgão do pensamento. Segundo Cambi (1999), Pestalozzi é orientado inicialmente pelo pensamento de Rousseau no que diz respeito à educação segundo a natureza, à educação

familiar e à finalidade ética da educação; e mais tarde quando encontra Fichte e vê afinidades com Kant. Os princípios fundamentais de Pestalozzi para ensino são o método intuitivo e o ensino mútuo. Fröbel (1782-1852) vem ampliar a visão romântica da educação de Rousseau e de Pestalozzi.

Três aspectos devem ser sublinhados no pensamento educativo de Fröbel: a concepção da infância; a organização dos “jardins-de-infância” (*Kindergarten*), bem diferentes dos “abrigos-de infância” difundidos na Europa da Restauração; a didática para a primeira infância, que consistiu o “coração” do método fröebeliano e que tanta difusão teve na práxis escolar do século XIX (CAMBI, 1999, p. 425).

Ainda de acordo com Cambi (1999),

Entre guerras napoleônicas, restauração e espírito de 1848 (revolucionário e democrático, voltado para a libertação dos povos), fica decididamente ultrapassado o modelo educativo do *Ancien Régime*, caracterizado por escolas elitistas, indiferença pelo povo e delegação à igreja dos problemas formativos, configurando-se um novo modelo: laico, estatal e burguês. Isso significa, inspirado numa ideologia laica, destinado a formar o cidadão, coordenado pelo Estado e orientado em torno à visão do mundo própria da burguesia (inspirada na ordem social, na ética do trabalho, na hierarquia das classes, no respeito do direito, etc.) (CAMBI, 1999, p. 437).

2. Pedagogia Social

Ao abordar preocupação em definir Educação Social no Brasil, Caro (2011) afirma que, na busca por referências, se chega aos referências teóricos europeus, que partem de uma realidade diferente da realidade no Brasil. No entanto, faz-se necessário essa definição, para que se possa fundamentar práticas e ações no trabalho social.

Caro (2011) cita Petrus el all. (2000) quando estes afirmam que a educação é global, social, e se dá ao longo de toda vida. Ainda destaca que

O objetivo da educação é capacitar o indivíduo para viver em sociedade e comunicar-se, porém, é preciso admitir que, em algumas ocasiões, a escola adota certa atitude de reserva frente aos conflitos e problemas sociais dos alunos. (CARO, 2011, p. 133)

Caro (2011) ainda assegura que a educação no Brasil é aquela em que o professor como um ser superior ensina e o aluno é um ser receptor dos conhecimentos, das verdades do professor. Temos então um ser privado de sua criatividade, um ser que replicará o que já está estabelecido. A Educação Popular, segundo a autora, nasce na

tentativa de mudar esse quadro na América Latina que em seu perfil histórico apresenta claramente duas vertentes educacionais, a cultura letrada elitista e reprodutora do modelo europeu e a cultura popular, por meio da qual o povo expressa espontaneamente seu cotidiano e sua luta para superar a posição inferior na sociedade. A Educação Popular tem reflexos na educação não-formal por conta da abertura da forma de educar, considerando a pessoa como um ser que pensa, que age e tem cultura, vê e considera a pessoa por inteiro, contribuindo para a sua formação integral, com o objetivo de proporcionar a inserção do indivíduo na sociedade por meio do crescimento pessoal e da consciência de cidadania. Para Caro (2011), a educação não-formal não é oposta à educação formal, mas sim, complementar. Caliman (2011) afirma que “a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre ela toda a luta contra a exclusão social.”.

A Pedagogia Social no Brasil tende a ser concebida como uma ciência que pertence ao rol das Ciências da Educação, uma ciência sensível à dimensão da sociabilidade humana, ou seja, que se ocupa particularmente da educação social de indivíduos historicamente situados. Uma educação que ocorre de modo particular lá onde as agências formais de educação não conseguem chegar; nas relações de ajuda a pessoas em dificuldade, especialmente crianças, adolescentes e jovens que sofrem pela escassa atenção às suas necessidades fundamentais. (CALIMAN, 2011, p. 237)

Para Caliman (2011), a criatividade brasileira em inventar novos processos de educar fora da escola é comprovada pelo grande número de instituições e atividades como centros juvenis, “oratórios”, creches e outros atendimentos a menores e à população em geral, ficando evidente que dessa práxis socioeducativa outras experiências, metodologias e saberes vão se consolidando e se sistematizando por meio de pesquisas. São práticas que podem se voltar tanto para o âmbito da assistência social, como para o campo da Educação Social. Essas práticas, no entanto, podem também acontecer nos espaços escolares, isto é, no espaço da educação formal. Nesse sentido, confirma-se a posição de Caro (2011) quando essa diz que a educação não-formal pode complementar a educação formal.

Com a crescente demanda por práticas desse tipo no Brasil, principalmente a partir dos anos 70, Caliman (2011) afirma o crescimento da necessidade de formação de profissionais nessa área. Cita Antonio Carlos Gomes da Costa e Maria Stela Graciani que, já na década de 90, preocupavam-se em refletir sobre sistematizar experiências e conceituar a Educação Social no Brasil, onde paralelamente crescia a necessidade de instituir e legalizar o profissional da área da Educação Social.

Pensando na Educação Social como uma forma de fazer com que os processos educativos latentes na sociedade sejam orientados de forma intencional nos ambientes em que esses processos acontecem, avança-se à pedagogia social crítica, ou seja, uma pedagogia social crítica e emancipadora dos indivíduos. Essa pedagogia social crítica, segundo Caliman (2011) é inspirada no alemão Klaus Mollenhauer e no brasileiro Paulo Freire. Numa perspectiva crítica, a Pedagogia Social de Mollenhauer analisa as estruturas sociais com intenção de mudá-las. Tanto Caliman (2011) quanto Caro (2011) defendem que a Pedagogia e a Educação Social, por se estabelecerem nas relações sociais, podem ser um caminho para lidar com problemas sociais inerentes em todo tipo de sociedade, desde as mais ricas até as mais carentes, visto que lidam com conflitos sociais que por sua vez são também inerentes a todo tipo de sociedade. No entanto, Caliman (2011) aponta para a preventividade como uma atitude com tendência à disponibilidade para a ação, enquanto Caro (2011) para a Educação Social como uma forma de viver e conviver extremamente rica tanto para o educando, como para o educador, que constroem nessas vivências e relações a Educação Social Brasileira.

3. Educação Italiana

Para falarmos sobre a educação italiana, devemos ter nosso olhar voltado ao contexto sócio-político e econômico da região num período pós-napoleônico¹, um tempo de guerras e revoluções na península itálica. Um período de quebra da ordem feudal de uma sociedade, visando-se uma organização com base nos fundamentos filosóficos de justiça e na visão de um poder, agora, popular, fundamentados no Iluminismo e na Revolução Francesa.

Foi um período extremamente difícil, pois se impunha aos jovens, moradores do campo ou dos centros urbanos, o alistamento militar e sobrecarregava-se a população com altos impostos, a fim de que se cobrissem os altos custos das guerras.

Entretanto as reformas napoleônicas produziram resultados diferentes na península itálica: o sul, menos desenvolvido, não seguiu as propostas de Napoleão, por causa de seus ideais revolucionários que almejava uma nação independente e unificada, mas o norte acabou prosperando, pois houve a adesão de intelectuais, políticos e clérigos que queriam ver-se ligados a Napoleão.

¹ Período napoleônico (1799 – 1815) que politicamente pode ser dividido em três partes: Consulado (1799- 1804), Império (1804 – 1815) e governo dos cem dias, também em 1815 (SOUZA, 2014, p. 14)

O ideal napoleônico de um império forte e estruturado se concretizou na reorganização da península itálica em âmbito político e administrativo, servindo para reduzir a fragmentação regionalista e alimentar o ideal de um país unificado (SOUZA, 2014, p. 16)

Quando Napoleão foi preso (1814), representantes de Rússia, Inglaterra, Prússia, França e Áustria reuniram-se em Viena (Áustria), a fim de restabelecer a antiga política da Europa (*l'ancien regim*). Assim, os Estados da Itália foram restaurados, havendo novamente uma fragmentação política. Mas o reino da Sardenha (Saboia e Piemonte) foi o único estado independente da península itálica. Local em que Dom Bosco desenvolveu suas ideias sobre educação.

Entretanto, posteriormente, essa região entrou em crise com as ideias que novamente surgiram: as de unificação.

3.1 *Risorgimento Italiano*

Após os momentos difíceis vividos pelos Estados que compunham a península itálica de estarem ora separados e ora unidos, acabam por entrar em colapso quando surge o *risorgimento*, em 1848. Trata-se de um evento complexo no qual se entrelaçam problemas políticos, sociais, culturais, literários, religiosos, educativos, econômicos etc., que leva a Itália do tradicional fracionamento político à unidade, à independência nacional, ao estado liberal e constitucional.

Com a unificação, houve um período de equilíbrio, porém, depois das primeiras décadas do século XIX, várias revoluções surgiram contra as políticas monárquicas nas principais cidades europeias (Paris, Viena, Milão, Berlim etc.).

Como afirma Dilson Passos Júnior (2011),

Será neste lastro de revoluções que também na península itálica se articularão os movimentos liberais buscando superar o poder da Igreja e dos príncipes pela unificação dos diversos reinos na constituição de um estado-nacional burguês. A península itálica viverá com intensidade esses momentos com grupos que procuram subverter a ordem vigente [...] (PASSOS JÚNIOR, 2011, p.40).

O campo educativo é alvo de intenso questionamento social, pois existe a crença de que a educação popular é base necessária para a formação da consciência política, nacional e social.

É nesse turbilhão de acontecimentos, mudanças, crises e rupturas, de abertura para o trabalho com a educação popular que João Bosco tornou toda a sua vida conhecida e reconhecida, em meios a pouca ajuda e muito embaraço.

3.2 João Bosco: Educação Salesiana

Em 16 de agosto de 1815, nasceu, em um pequeno lugar chamado Becchi, João Melchior Bosco, filho dos camponeses, Francisco Melchior Bosco (1784 – 1817) e Margarida Occhiena (1788 – 1856). Possuía um irmão, José, e seu meio-irmão, Antônio, filho do primeiro casamento de Francisco, que faleceu quando João tinha apenas 2 anos de idade. Tal acontecimento deixou marcas fortes na vida do menino dos Becchi.

Após esse acontecimento, Margarida, auxiliada por Antônio, dá conta da família e enfrenta todas as dificuldades que a morte de Francisco ocasionara. Além disso, naquele mesmo ano, 1817, fortes geadas e grandes estiagens fizeram com que a família passasse fome.

Aos 9 anos, foi para uma escola a fim de aprender a ler e escrever. Aos 10, ele participava, junto a outros meninos, de, como ele próprio diz em seu livro Memórias do Oratório São Francisco de Salles, “uma espécie de oratório festivo”. Momento que aproveitava para passar os ensinamentos que ele próprio tinha no catecismo.

Em 1831, para fazer os primeiros estudos na escola em Chieri, sempre em meio a grandes dificuldades, João Bosco, no período oposto às aulas, teve a oportunidade de aprender várias profissões; foi carpinteiro, ferreiro, sapateiro, etc. Ensinamentos extremamente úteis a ele na sua vida futura. A experiência e a vivência trouxeram a João Bosco a clareza de seus pensamentos para as suas futuras obras.

Em 1835, João Bosco entra para o seminário e, em 1841, aos 26 anos, foi ordenado sacerdote. Começa sua vida religiosa, pregando a Palavra de Deus onde quer que fosse. Procurou ajudar àqueles que eram rejeitados, esquecidos ou marginalizados pela sociedade, não somente para os que não possuíam a liberdade, pois estavam atrás das grades, mas como também para os que, mesmo livres não podiam exercer tal liberdade (um exemplo disso é o grande número de jovens que, saído do campo, numa Europa do final do século XIX, chega à cidade em busca de uma vida melhor, entretanto, ao invés disso, como não estavam aptos a integrarem uma sociedade pré-industrial, acabam ficando à mercê da ajuda dos cidadãos ou cometem furtos para sua sobrevivência.

Nesse mesmo ano, cria a sua grande obra, o Oratório festivo. Segundo Schiélé (2008), João Bosco chamava as reuniões com os meninos de oratório, prática criada por

são Felipe Nerí em Milão e que havia chegado a Turim. A partir de 1841, João Bosco iniciaria seu próprio oratório, com características diferentes dos oratórios até então praticados. Segundo Lenti (2012), os oratórios tradicionais eram seletivos, davam atenção apenas aos melhores meninos, diferentemente do oratório do João Bosco que dava preferência aos jovens pobres e abandonados. João Bosco possibilitava um ambiente agradável, recreativo e propenso ao ensino do catecismo.

Em 1846, depois de obrigado a desalojar-se, de um pátio de um instituto, dos arredores de uma capela no cemitério, de um terreno baldio, João Bosco consegue adquirir um barracão e uma parte de um terreno em Valdocco, na periferia de Turim. Ali, percebendo a ausência de conhecimento por parte dos jovens (boa parte era analfabeta), João Bosco organiza cursos para ensinar-lhes a ler, escrever, contar e desenhar. E, em 1847, inicia a abertura do Oratório para jovens internos, garotos sem família e moradia.

No lugar da capela do Oratório, começa a se construir, em 1851, uma igreja que João Bosco destinou ao seu santo preferido: São Francisco de Salles.

A fim de preparar os desamparados jovens para essa realidade, Dom Bosco funda a Sociedade São Francisco de Salles, em 1859. Algum tempo depois se expandiu para alguns países da Europa e, em 1883, chega ao Brasil. Entretanto, em 1888, já bastante doente, mas com toda sua obra bem solidificada, com 72 anos, em Turim, falece João Bosco.

A prática de João Bosco também é uma “Pedagogia do *Risorgimento*”, pois é receptiva às sugestões que proveem das demais pedagogias (especialmente: Suíça, França, Alemanha e Inglaterra, locais onde existia a prática do ensino mútuo e das escolas infantis). As teorias de Rousseau e Pestalozzi têm destaque e encontram ampla acolhida nas práticas educativas de João Bosco.

Percebe-se que João Bosco não foi diferente aos demais, não produziu nada novo com suas ações, entretanto, por meio de sua práxis e escritos, foi inovador e criativo quando escolheu ser um ator social no Piemonte e na apresentação do desejo de formação integral do homem “o bom cristão e o honesto cidadão”. Segundo Damas (2002),

É muito ilustrativa a máxima escolhida pelo padre João Bosco para sua ordenação sacerdotal: dai-me almas e ficai com o resto. Ela ilumina a motivação profunda do empenho de Dom Bosco e é neste horizonte que podemos compreender o significado profundo da sua experiência educativa. O objetivo primário a que se propõe é a educação cristã do jovem, que coloca como centro da vida – Deus e a

salvação eterna. Isto somente será possível se bem instruído nas verdades católicas, como filho da Igreja, cumpridor dos próprios deveres e empenhado nas obras de caridade e apostolado (DAMAS, 2002, p. 14).²

Em uma época em que as revoluções eram marcantes na Europa e representantes políticos de partidos distintos lutavam entre si e buscavam uma uniformidade de pensamento, a sociedade era quem mais sofria com a profunda crise social e econômica. Os camponeses acabam por buscar melhores condições de vida nas cidades grandes, o que causou uma grande concentração populacional ali, surgindo assim uma enorme quantidade de famílias miseráveis, jovens subnutridos, maltrapilhos, colocados à margem do ambiente urbano, a menos que explorados com trabalhos temporários. Jovens, em busca, principalmente, de alimento e necessidades básicas, eram presos por roubar e furtar. É com essa camada da sociedade, marginalizada, esquecida e empobrecida, que João Bosco trilha seu caminho.

3.3 Sistema preventivo de João Bosco

De acordo com Braidó (2005), logo após a Revolução Francesa, seguida pela radical subversão da antiga ordem, causada por Napoleão Bonaparte (1769 – 1821), a Europa parecia quase obcecada, mais do que em qualquer outro tempo, pela ideia “preventiva” que vem, agora, acompanhada de projetos “restauradores” com diferentes destaques, conforme as mentalidades e as culturas.

Entre os conservadores a necessidade de restauração e prevenção é motivada pelo medo dos novos revolucionários, das seitas, das sociedades secretas do liberalismo. É também a desconfiança de novas iniciativas educativas tidas como subversivas que seriam consideradas uma ameaça ao princípio de autoridade. Por outro lado, entre os moderados havia uma tendência a recuperar aquilo que se considerava válido da antiga ordem e mesclar com o novo. Assim sendo, a instrução, a prática religiosa e os tradicionais valores morais (antiga ordem) seriam reestruturados com o novo, ou seja, a recuperação do trabalho e da solidariedade social, a escolha de métodos mais justos e humanos no modo de enfrentar os males crônicos da pobreza e da delinquência, o desenvolvimento das “obras” caritativas, etc.

Desse modo, a fórmula do sistema preventivo, ainda que com destaques diferentes,

² É importante destacar que, em algumas citações, João Bosco é tratado pelos autores por Dom Bosco, fazendo menção ao seu cargo eclesiástico.

[...] nasce no clima da “restauração”, retratando os caracteres e a policromia das posições. Nela podem se juntar tanto saudosos do ancien régime e legitimistas, mesmo conscientes da impossibilidade de uma pura volta ao passado, quanto moderados disponíveis ao novo, de alguma maneira à “modernidade”, como também detentores de projetos mais corajosos. (BRAIDO, 2005, p. 28)

Há uma ambiguidade nessa “inquietação preventiva” que, como atesta Braido (2005), se exprime, sobretudo, em cinco campos: político, social, jurídico-penal assistencial, escolar educativo e religioso. Tal momento parece impregnar todo o século em tempos e perspectivas diferentes e João Bosco parece partilhá-la no campo cultural e político e também na pastoral e na educação, com formas mais atenuadas.

Segundo Braido (2005), a interpretação dos documentos deixados por João Bosco, bem como a análise de sua experiência educativa e de seus colaboradores são fundamentais para descrever a fórmula do Sistema Preventivo³ e próprias para expressar tudo o que ele disse e fez como educador. Antonio, Evangelista e Soffner (2013) citam Scaramussa (1984) fazendo referência ao componente *amorevolezza* (carinho) como integrante do sistema preventivo praticado por João Bosco. Em contraposição ao sistema repressivo que supunha o conhecimento das regras, vigilância e punição aos transgressores.

Podem-se associar as técnicas das práticas educativas de João Bosco às rotinas existentes nas antigas ações de Ensino Mútuo já que, segundo Manacorda (1989) essa iniciativa tinha por objetivo a instrução elementar popular. Nesse sentido, os jovens de João Bosco, ao se especializarem em seus trabalhos, acabavam por se tornar mestres.

No outono de 1853, Dom Bosco iniciou as oficinas de sapataria e alfaiataria. A de sapataria foi colocada no ambiente estreitíssimo que ora funciona como minissacristia da capela Pinardi, perto da torre: duas mesinhas e quatro banquinhos. O primeiro mestre foi Dom Bosco: sentou-se à banca e martelou uma sola na frente de quatro meninos. Depois ensinou-lhes a manejar a sopleira e o barbante encerado. Poucos dias depois, cedeu o lugar de “mestre” a Domingos Goffi, porteiro do oratório. (BOSCO, 2014, p.259)

Essas atividades eram desenvolvidas nos lugares que João Bosco chamava de oratórios, onde reunia seus jovens a fim de proporcionar-lhes um local seguro, agradável e familiar, com atividades variadas, como: esporte, oração, música, arte, ofícios, etc.

³ O Sistema Preventivo de João Bosco é baseado no tripé razão-religião-*amorevolezza*.

Considerações finais

Na turbulenta Turim, do século XIX, João Bosco se dedica a uma camada da sociedade que, dentro do contexto histórico (revoluções, transformações em todos os campos) tentava sobreviver a despeito das adversidades: jovens advindos do campo em busca de uma vida melhor, marginalizados e explorados, colocados em situação de risco. Por não terem instrução, dependiam de trabalhos temporários mal ou pouco remunerados, trabalhando e vivendo em precárias condições.

Nessa perspectiva, João Bosco timidamente inicia seu trabalho com esses jovens. Aos poucos aumenta seu campo de atuação, acolhendo-os e oferecendo-lhes oportunidade de instrução e inserção no mercado de trabalho. Em seus oratórios praticava o sistema preventivo como forma de manter a ordem e ambiente familiar. Esse sistema possibilitava uma maior proximidade com seus jovens e ao mesmo tempo dava a eles o sentimento de pertencimento, responsabilidade e autonomia. Além disso, devolvia-lhes a dignidade.

Sem se preocupar com a sistematização, com o estabelecimento de métodos, João Bosco conseguiu pôr em prática suas ideias sobre educação, uma vez que se preocupou com a formação integral do jovem cidadão. Neste sentido, terminamos o presente texto citando Antonio, Evangelista e Soffner:

João Bosco criou e aplicou um modelo educativo único que considerava os jovens em situação de risco de sua área de atuação, ao qual denominou Sistema Preventivo. Não se preocupou em garantir, na teoria, que tal sistema fosse uma autêntica pedagogia. Por meio de um ambiente familiar, de trabalho, de oração, de meditação, de esportes, de arte, de música, tratou de garantir para seus jovens uma formação para a vida, tanto pragmática quanto espiritual, fruto de sua própria origem familiar e formação de sacerdote católico, fortemente marcado pela doutrina oficial da Igreja da época (ANTONIO, EVANGELISTA, SOFFNER 2013, p.66).

Referências Bibliográficas

ANTONIO, Severino; EVANGELISTA, Francisco; SOFFNER, Renato. **A epistemologia e a práxis da educação salesiana de João Bosco (Santo)**. In Revista de Ciências da Educação, Ano XV, v. 02, n. 29, pp. 55-69. Americana, 2013.

BOSCO, Terésio. **Uma nova biografia**. (edição digital). Editora Dom Bosco, Brasília, 2014.

BRAIDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco**. [tradução Jacy Cogo]. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social: contribuições para a evolução de um conceito**. In Pedagogia Social /Roberto Silva, João Clemente neto, Rogério Adolfo de Moura (orgs). São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 2. 2ª edição, 2011

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CARO, Sueli Maria Pessagno. **Educação Social: Uma Questão de Relações**. In Pedagogia Social /Roberto Silva, João Clemente neto, Rogério Adolfo de Moura (orgs). São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1. 2ª edição, 2011

DAMAS, Luiz Antonio Hunold de Oliveira. **A Preventividade na Educação Salesiana. Gênese e Desenvolvimento até sua consolidação no Ensino Superior**. 2002. 339 f. (Tese de Doutorado). Educação: currículo. Pontifícia Universidade de São Paulo.

PASSOS JÚNIOR, Dílson. **O ENSINO SUPERIOR UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO – UNISAL – Discutindo Sua Identidade Salesiana**. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba (não publicado), 2011.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2ª Ed. Piracicaba: Unimep, 1999.

LENTI, Arthur J. **Dom Bosco: história e carisma**. Volume 1.1ª edição. Brasília: CIB, 2012

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 19989.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio; ou, Da educação**. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Rodrigo Tarcha Amaral de. **A incidência dos princípios referenciais salesianos na prática do educador docente do Centro Profissional Dom Bosco (CPDB) – Campinas**. Dissertação de Mestrado - Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana: UNISAL, 2013. 215f.